

ESCOLA DE GUERRA NAVALCurso C-PEM/85

Partido.....

Solução do P-III-7 (EN) ENSAIO

Apresentada por

SÉRGIO CAVALCANTI DA COSTA MOURACAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA

NOME E POSTO

**RIO DE JANEIRO**19 85

- A GEOPOLÍTICA DO BRASIL -

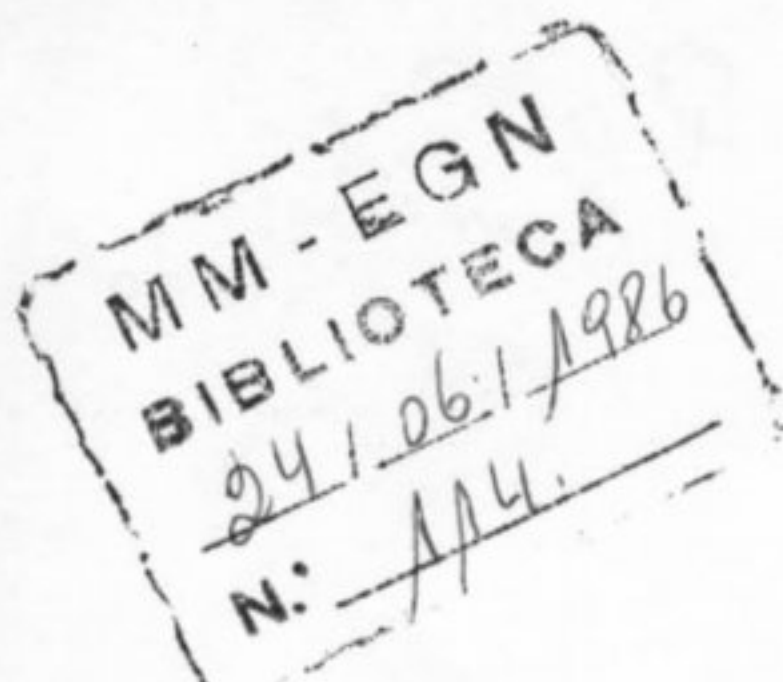
SERGIO CAVALCANTI DA COSTA MOURA
Capitão-de-Mar-e-Guerra

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1985



GN-00000716-7



CAD ACENVO

82877

EXEMPLAR

101294

SERVO CAVALEIRIA DA COSTA MORA
Capitão de Mar e Guerra

MINISTÉRIO DA MARINHA

ESCOLA DE GUERRA MARITIMA

1985



TEMA: A GEOPOLÍTICA DO BRASIL

PROPOSIÇÃO: Apresentar as grandes linhas de pensamento dos geopolíticos brasileiros, bem como suas implicações nos poderes terrestre e marítimo. Analisar ainda a validade da acusação que frequentemente é feita ao Brasil, ou seja, de perseguir uma política territorial expansionista.

INTRODUÇÃO

Embora considerada externamente, como a mais importante escola de Geopolítica da América do Sul (4:56), costumamos dizer no Brasil, freqüentemente, que não damos ao nosso pensamento geopolítico a importância que seria desejável.

Na realidade, parece que realmente ocorre um certo paradoxo no comportamento nacional. Assim, se por um lado não incorporamos à nossa cultura, mesmo a nível das elites, a importância do relacionamento entre nossas realidades geográficas e a política nacional, por outro lado, a nível de Governo, diversos conceitos do pensamento geopolítico brasileiro foram incorporados à política de desenvolvimento nacional, a saber: a integração do nosso território; o desenvolvimento dos transportes; a importância das fronteiras, da região Amazônica e do Centro-Oeste; a presença brasileira na Antártica; a importância do Atlântico Sul e ainda a necessidade imperiosa de crescer economicamente. Pode-se discutir o grau, a maneira, ou ainda a oportunidade pelos quais estas influências se concretizaram, porém elas nos parecem reais.

Para a apresentação deste trabalho, consideramos que seria mais interessante uma visão panorâmica das grandes linhas de pensamento dos principais geopolíticos brasileiros, naturalmente nos detendo mais naqueles de maior influência, no âmbito interno e externo. Procuraremos ainda caracterizar os dois diferentes focos da Geopolítica nacional, o continental e o marítimo, bem como a influência do pensamento brasileiro na formação dos poderes terrestre e marítimo.

Concluiremos questionando, baseados no conteúdo do trabalho, a acusação que é feita freqüentemente ao Brasil, ou seja, de perseguir uma política territorial expansionista.

GRANDES LINHAS DO PENSAMENTO GEOPOLÍTICO BRASILEIRO - Ao abordarmos este tópico, consideramos que a década de 30 foi o marco inicial da Geopolítica brasileira, como estudo baseado em critérios científicos.

Foi nesta ocasião, quando começaram a surgir as concepções mais específicas, que despontou o nome de MARIO TRAVASSOS. Em sua obra fundamental, Projeção Continental do Brasil, o então Coronel Travassos, por muitos considerado o pai da Geopolítica no país, expressou sua preocupação com a influência de Buenos Aires sobre a Bacia do Prata, bem como com a expansão argentina em direção à Bolívia, defendendo, exaustivamente, como modo de contê-la, a ligação de nosso território ao boliviano, através da aplicação de um conceito de "Brasil longitudinal", que deveria ser desenvolvido através um eixo leste-oeste, dirigido, essencialmente, em direção às cidades de Cochabamba, Sucre e Santa Cruz de la Sierra, que, em sua opinião, formavam um triângulo estratégico, para onde convergiam as influências platina, amazônica e andina (10:60). Para ele, o poder sul-americano que controlasse este triângulo, dominaria a política continentalista da América do Sul. Aplicava assim, um conceito que consideramos semelhante ao da área-pivot de Mackinder, fundamento básico de concepção do poder terrestre.

Travassos defendia ainda a implantação de outro eixo, no sentido da Bacia Amazônica, ainda totalmente inexplorada, na ocasião, e por ele já considerada como região da maior importância, para a integração nacional.

Sua obra, também conhecida como Doutrina Travassos, assinala que as projeções acima mencionadas eram fundamentais, para o Brasil cumprir sua destinação continental, constituindo-se assim, naturalmente, em foco de preocupações para nossos vizinhos.

Como vemos, foi marcante a vocação continental de Travassos e, mais que isto, foi ele o precursor da escola que deu grande ênfase à ocupação de nossos espaços. Sua influência foi imensa sobre toda uma geração, mormente nos anos 30 e 40, tendo ainda pontificado na Escola de Estado-Maior do Exército, até 1950.

Contemporâneo de Travassos, o PROFESSOR EVERARDO BACKHEUSER, autor de diversos livros, é também considerado outro precursor de nossa Geopolítica. Sua obra principal, Geopolítica Geral e do Brasil, apresenta como ponto de maior relevância uma Política de Fronteiras, na qual sugere o fortalecimento de nossas regiões limítrofes, a fim de proteger o território nacional, dentro da concepção de que as fronteiras são regiões que devem estar subordinadas ao poder central e não às autoridades regionais, que manifestam menor sensibilidade para esses problemas (1:266). Em outras palavras, Backheuser considerava que tal política deve ser federal e não regional.

Foi dentro deste espírito que, efetivamente, foram criados os territórios federais do Amapá, Roraima, Rondônia, Fernando de Noronha, Ponta Porã e Iguaçu.

Na concepção de dar mais vida as nossas fronteiras, Backheuser apontava a necessidade de um povoamento produtivo, o que exigia vias de comunicação, terrestres e fluviais, abrindo a marcha para o Oeste, o que, aliás, foi a grande tese de outro conhecido geopolítico, Cassiano Ricardo.

Backheuser considerava nossas fronteiras marítimas extremamente mais vivas que as terrestres, como de fato são, fruto da maior densidade demográfica da faixa litorânea, indicando assim, a absoluta necessidade de interiorizar a nossa população. Como apoio a sua tese, considerava que nosso coeficiente de maritimidade (relação entre as extensões das fronteiras marítima e terrestre) é bem inferior ao da maioria dos países eu

ropeus, onde não se encontra tamanha concentração no litoral, apesar de possuírem uma fronteira marítima proporcionalmente maior.

Após o término desta fase, iniciada em 1930 e concluída praticamente na década de 60, quando predominaram principalmente as idéias de Travassos e Backheuser, surge o nome do GENERAL GOLBERY DO COUTO E SILVA que, ainda hoje, é o nome de maior peso na Geopolítica brasileira, não somente por sua obra, mas também por sua participação em diversos governos, nos últimos vinte anos.

Golbery, em sua obra principal, Geopolítica do Brasil, faz uma análise detalhada do nosso país, usando, fundamentalmente, os conceitos de espaço e posição, definidos por Ratzel, além de outro aspecto, considerado da maior importância, ou seja, a circulação entre os espaços. Vejamos os principais aspectos de sua obra:

- o espaço brasileiro é caracterizado pela imensidão do território; pelo grande planalto central, permeável aos rios, aproximando as principais bacias hidrográficas; a Hiléia Amazônica, impenetrável ao avanço terrestre; a acentuada escarpa, que caracteriza o rebordo do planalto na direção do oceano, dificultando a penetração para o interior; as vias naturais de penetração que são os rios e ainda as costas baixas do Nordeste.

- quanto à ocupação do espaço, nosso ecúmeno situa-se ainda numa faixa de 500 km de largura a partir do litoral, correspondente a aproximadamente 1/3 da área total do país. Fora desta faixa, exceto alguns núcleos de concentração, encontra-se um verdadeiro deserto geopolítico, que necessita ser ocupado, a fim de eliminar o vazio de poder.

- quanto ao aspecto de circulação, Golbery caracteriza inicialmente a existência de um núcleo central, formado pelo

triângulo Rio-São Paulo-Belo Horizonte, densamente povoado e rico em meios de transporte. A partir deste núcleo central, o Brasil é visualizado como um imenso arquipélago, formado por três penínsulas que se projetam para nordeste, para sul e para noroeste, ligadas apenas por precários istmos de circulação (5:43) (Fig. 1).

- a integração do nosso território deverá ter como tarefa primeira a vitalização dos istmos de circulação, ligando o Nordeste e o Sul ao núcleo central, de maneira a espalhar a nossa atual base ecúmena, articuladamente, bem como garantir o tamponamento de possíveis vias de penetração. Além disto, deve ser impulsionado o avanço para noroeste, através de onda colonizadora, de modo a integrar a península do Centro-Oeste ao ecúmeno brasileiro. Por fim, a conquista da Hiléia Amazônica deve ser a última fase da integração territorial, combinando o avanço a partir do Centro-Oeste, protegido por nódulos populacionais fronteiriços, com o avanço no sentido leste-oeste, segundo o eixo do rio Amazonas (5:92) (Fig 1).

- quanto à sua posição, Golbery vê o Brasil desfavorecido por ter 90% de seu território entre o equador e os trópicos e atenuado pela altitude do planalto central, influenciando sobre o clima, bem como pela amplidão da faixa litorânea. Outro aspecto desfavorável é a continentalidade brasileira com cerca de 40% do território distante mais de 1.000 km do litoral, também compensada pela imensa intromissão da Bacia Amazônica. O significado relativamente baixo do Atlântico Sul, em termos de comércio mundial, também tem contrapartida no saliente do Nordeste, estrategicamente posicionado no estrangulamento Natal-Dakar.

No contexto sul-americano, o Brasil é considerado o vizinho mais rico, exótico e maior. A fronteira do arco norte e noroeste é naturalmente protegida, mas a integração da Amazô-

FIGURA 1



OS ESPAÇOS, OS ISTMOS DE CIRCULAÇÃO
E A INTEGRAÇÃO TERRITORIAL

FONTE: GEOPOLÍTICA DO BRASIL DE GOLBERY DO COUTO
E SILVA

nia exigirá maiores cuidados na região. A fronteira sul e sudoeste apresenta maior vulnerabilidade, principalmente pela presença da região argentina de Las Misiones, modelando o território de Santa Catarina, e onde o poder de Buenos Aires tem amplas condições de pressionar, sendo portanto aí a nossa fronteira viva, com linha de tensão máxima.

- Golbery sustenta que o Brasil apresenta-se indeciso entre dois destinos geopolíticos: a necessidade de ocupação do sertão, o que se traduziria na geopolítica de integração dos nossos espaços, defendida por ele com maior empenho, e por outro lado o mar, nos ligando aos centros de produção e cultura, fonte de progresso e técnica, indispensáveis a nossa prosperidade. Acima deste dilema, o autor apresenta outro, afirmando que o Brasil só tem uma opção: engrandecer-se ou perecer; sente-se aí, que Golbery dá uma conotação econômica à afirmação.

Como diretrizes gerais para nossa geopolítica ressalta (5:132): o expansionismo interior de integração e valorização do território, sem qualquer resquício além-fronteiras, não devendo ser esquecida a necessidade de revitalizar a navegação de cabotagem e o pleno uso das aquavias interiores; cooperação internacional, afirmando-nos externamente como integrantes de um mundo em desenvolvimento; não alheamento a possíveis antagonismos no nosso continente, mantendo o "status quo" através de uma geopolítica preventiva; a manutenção de nossa posição junto ao bloco ocidental, no esforço conjunto de manter o Atlântico Sul imune à penetração soviética.

A seguir surge o nome do GENERAL CARLOS DE MEIRA MATTOS, com diversas obras consagradas, seguindo basicamente os focos continentais de Travassos, Backheuser e Golbery, porém reconhecendo a importância de nossa maritimidade, mal explorada.

Os estímulos continentais do espaço brasileiro, segundo o autor, encontram-se na imensa massa interior, distante do mar

e não favorecida por saídas oceânicas fáceis; este último aspecto, na nossa opinião, é uma meia verdade, porque na realidade o que falta é uma política, no sentido de viabilizar o uso de nossas vias interiores.

Para o desenvolvimento do nosso espaço, sugere a implantação de áreas interiores de interesse econômico, capazes de se modernizarem e sobreviverem integradas a um espírito regional.

Quanto aos estímulos marítimos, considera que os mesmos se manifestaram desde os primeiros dias de nossa história. Porém, apesar da influência do mar na nossa formação, chegamos à década de 60 com medíocre Política Marítima. A nosso ver, tal política foi sobretudo inadequada, e um exemplo foram os Planos de Construção Naval, estabelecendo metas físicas preconcebidas e não metas viáveis, face ao mercado previsível.

Meira Mattos apresenta algumas considerações relativas à importância de nossas linhas de comunicações no Atlântico Sul, ao nosso comércio com o exterior e às nossas águas territoriais, que exigem uma estratégia marítima, que seria parte de uma estratégia global para o Atlântico Sul, a ser constituída inicialmente com nossos vizinhos e, posteriormente, reforçada com o apoio dos países africanos. Defende ainda a participação brasileira nas operações científicas na Antártica (8:121).

Parece-nos que foi a partir daí, que surgem outros estudos, acentuando a necessidade do Brasil adotar um polo de atração marítima, para alcançar seu lugar como potência no Atlântico Sul.

Desponta então a PROFESSORA TEREZINHA DE CASTRO, considerando que o nosso continentalismo não foi, até hoje, suficientemente forte para anular a nossa herança marítima. Apesar da fórmula de Backheuser nos indicar um coeficiente de continentalidade da ordem de 2/1, ou seja, que o Brasil é bem mais continental que marítimo, este aspecto é atenuado pelo fato de 60%

do nosso território estar localizado numa faixa litorânea, com 1000 km de largura.

Embora mais sensível para o aspecto do mar, Therezinha de Castro, numa visão bastante equilibrada, considera também que temos de nos ajustar a nossa continentalidade, visto que, na conjuntura nacional, subsiste o predomínio geoeconômico e geopolítico de apenas 18% de nosso território, sobre a área efetiva do país. Carecemos assim, de integração em nossa dinâmica territorial (3:17). Assim, o Brasil seria um país do tipo misto, marítimo-continental, que a despeito da considerável extensão de suas fronteiras terrestres, são estas minimizadas pelo fator despovoamento, contrastando com o apreciável grau de ecumenicidade da faixa litorânea.

Fato marcante, que bem caracteriza a tendência geopolítica da Professora, é o fato de ela vir reivindicando a presença brasileira na Antártica desde 1958, enfatizando não somente os aspectos científicos, mas também a posição estratégica invejável daquele continente, no Atlântico Sul.

Outros nomes também exaltam aspectos da nossa maritimidade, quase todos Oficiais de Marinha. Faremos um breve resumo de seus principais pontos de vista, ou de suas obras:

ALMIRANTE PAULO MOREIRA DA SILVA - projetou-se nos últimos vinte anos, no âmbito nacional e internacional, como uma das maiores autoridades em recursos do mar e grande incentivador de sua respectiva exploração. Seus estudos, apresentados em Usos do Mar, são reconhecidos como tendo contribuído sobremaneira, para chamar a atenção para a potencialidade do meio marítimo.

ALMIRANTE PAULO IRINEU ROXO DE FREITAS - lançou suas idéias em o Uso do Mar, onde analisa a influência marítima no destino das nações, bem como os aspectos estratégicos da segurança do Brasil, concluindo que nosso destino, desde o tempo do descobrimento, tem estado na dependência do mar e, no futuro, o

país terá de ser uma potência marítima, se espera tornar-se uma potência mundial (7:33).

ALMIRANTE IBSEN DE GUSMÃO CÂMARA - suas idéias têm sido analisadas por geopolíticos contemporâneos, quando lança a projeção da nossa maritimidade na estratégia nacional. O Almirante Ibsen chama a atenção para a absoluta importância das vias marítimas para o comércio exterior, considerando ainda o Brasil como uma ilha, subordinado à manutenção do tráfego pelo mar que, caso interrompido, levaria a nação a rápido colapso (2:7).

ALMIRANTE MARIO CESAR FLORES - foi o coordenador e autor, em parte, do livro Panorama do Poder Marítimo Brasileiro, que se constitui em coletânea de trabalhos, através dos quais é evidenciada a importância dos elementos do Poder Marítimo, no destino do Brasil.

Assim concluímos o pensamento brasileiro, julgando ter caracterizado a existência de dois focos na nossa Geopolítica, o continental e o marítimo. As tendências se seguem cronologicamente: de Travassos a Meira Mattos sentimos acentuada vocação para integração territorial e, de Therezinha de Castro em diante, cresce o interesse pelo mar. A influência do foco continental foi sensivelmente mais marcante: a Doutrina Travassos, acompanhada durante décadas por nossos geopolíticos, preconizando o desenvolvimento nos sentidos norte e oeste, traduziu-se, na prática, na nossa Política de Transportes; o coeficiente de maritimidade de Backheuser, influiu na baixa prioridade dos assuntos marítimos; e a integração territorial de Golbery e Meira Mattos influenciou na política de ocupação de espaços. Este quadro justifica, sob o ponto de vista geopolítico, a maior influência do nosso poder terrestre, se comparado ao marítimo.

Golbery, apesar disto, foi quem começou a levantar a dúvida sobre o impasse brasileiro: ocupação de espaços ou aumento de vínculos com o mar? Sentimos, no entanto, que Golbery tende

acentuadamente para a continentalidade. Acreditamos que Meira Mattos tenha sido o último nome com as mesmas idéias, mas talvez por isto mesmo, já bem mais influenciado pela nossa posição geográfica, nossa conformação física e nossa extensão litorânea densamente povoada que, na concepção de Mahan, são fatores fundamentais para a formação de um poder marítimo. Foi a partir de Therezinha de Castro, seguida por estudiosos da Marinha Brasileira, que começou efetivamente a despontar a necessidade de desenvolvimento do nosso polo de atração marítimo.

Acreditamos entretanto, que não devemos considerar nossa base geopolítica conflitante. Somos uma forma híbrida, em que tanto a continentalidade como a maritimidade não devem exercer papel de preponderância e sim confluirem como correntes válidas de pensamento, na busca de tornarmos efetiva a nossa destinação de potência mundial, com seus poderes terrestre e marítimo, convenientemente dimensionados.

CONCLUSÃO: PERSEGUIE O BRASIL UMA POLÍTICA EXPANSIONISTA? - Apesar da índole pacífica do nosso povo e das propostas dos geopolíticos brasileiros defenderem apenas a integração do nosso atual território, o Brasil é acusado, freqüentemente, de perseguir uma política expansionista.

O foco destas acusações situa-se, fundamentalmente, na Argentina (4:62). A característica principal da Geopolítica argentina é a obsessão pelo expansionismo brasileiro (sic); fazem referência ao processo histórico de expansão de nossas fronteiras, que se seguiu ao Tratado de Tordesilhas, pelo qual, segundo eles, procuramos atingir o nosso destino manifesto; criticam a Doutrina Travassos, tendendo a neutralizar a influência argentina e temem o conceito brasileiro de fronteiras vivas, definida por Backheuser como região de fricção, na qual um Estado mais atuante tende a se expandir no sentido do outro, de menor vitalidade. Fazem acirradas críticas aos nossos

governantes militares, acusando ainda o Brasil, não só de potência imperialista, satélite dos Estados Unidos, por razões de dependência, como também de projetar a construção de vasto complexo industrial-militar; nesta fase, as críticas mais pesadas são contra Golbery, identificado com a maioria dos governos, após 1964.

Bem sabemos que as críticas não têm fundamentos. Nossas fronteiras foram realmente ampliadas após Tordesilhas, mas principalmente pelas ações diplomáticas de Alexandre de Gusmão e Rio Branco, que possibilitaram a configuração atual de nossas fronteiras. Nossas teses continentalistas destinam-se a assegurar o que já possuímos. Somos um país territorialmente satisfeito, com imensos espaços vazios e inexplorados e, portanto, é para o expansionismo interior de integração e valorização territorial, destituído de qualquer ranso imperialista para o além-fronteiras que nossa Geopolítica se orienta.

Não somos automaticamente alinhados com os Estados Unidos e nossa posição nos organismos internacionais, em diversas oportunidades, comprovam isto. Procuramos incessantemente o crescimento no campo econômico e, assim, nossos progressos no setor da indústria bélica relacionam-se, principalmente, às necessidades de exportar e nacionalizar o que for viável, de maneira a proporcionar independência política em nossas decisões.

Acreditamos que as críticas que nos fazem são provocadas, sobretudo, pelo sentimento de frustração, de certa forma natural, face a posição de liderança que, incontestavelmente, exercemos na América do Sul.



BIBLIOGRAFIA

1. BACKHEUSER, Everardo. Curso de geopolítica geral e do Brasil. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1952.
2. CÂMARA, Ibsen de Gusmão. O pensamento estratégico brasileiro - projeção de nossa maritimidade na estratégia nacional. A Defesa Nacional, Rio de Janeiro, 67(688): 5-16, mar./abr. 1980.
3. CASTRO, Therezinha de. Geopolítica do Brasil. Rio de Janeiro, ESG, 1985. Palestra proferida na ESG, em 3 jun. 1985.
4. CHILD, John. Pensamento geopolítico latino-americano. A Defesa Nacional, Rio de Janeiro, 67(690):55-77, jul./ago. 1980.
5. COUTO E SILVA, Golbery do. Geografia do Brasil. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1967.
6. FLORES, Mario Cesar. Panorama do poder marítimo brasileiro. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1972.
7. FREITAS, Paulo Irineu Roxo de. O uso do mar. Rio de Janeiro, EGN, 1973. Palestra proferida na ECEME, em 18 jul. 1974.
8. MATTOS, Carlos de Meira. A geopolítica e as projeções do poder. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1977.
9. SILVA, Paulo de Castro Moreira da. Usos do mar. Brasília, CIRM, 1978.
10. TRAVASSOS, Mario. Projeção continental do Brasil. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1938.



00007130000114

A Geopolítica do Brasil

1-A-57

1. BACHMEIER, Evaristo. Brasil e o mundo. Rio de Janeiro: A. B. Lancheros, 1960.
2. CÂMARA, Irineu de Oliveira. O pensamento geopolítico brasileiro - a projeção de nossa participação na estratégia mundial. A. B. Lancheros, Rio de Janeiro, 67(688): 5-16, mar./abr. 1960.
3. CASTRO, Theodor van der. Geopolítica do Brasil. Rio de Janeiro: EBC, 1965. Palestra proferida na EBC, em 1 jan. 1965.
4. CHILD, John. Pensamento geopolítico latino-americano. A. B. Lancheros, Rio de Janeiro, 67(690): 22-37, jul./ago. 1966.
5. COSTA E SILVA, Góthard. Geografia do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
6. FROST, Maria Cesar. Pensamento do poder marítimo brasileiro. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.
7. FREITAS, Paulo Irineu Berto de. O uso do mar. Rio de Janeiro: EBC, 1973. Palestra proferida na EBC, em 18 jul. 1974.
8. HATTON, Carlos de Mattos. A geopolítica e as projeções do poder. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
9. SILVA, Paulo de Castro Moreira da. Uso do mar. Brasília: CIRM, 1978.
10. TRAVASSOS, Mario. Projeção continental do Brasil. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1978.

1-A-57

Este livro deve ser devolvido na
última data carimbada

26 ABR 86			
08 JUN 89			
08 MAI 92			
20 MAI 92			
14 MAI 1993			
01 JUN 1995			
30 MAR 1996			
14 MAI 1996			
30 JUN 1998			
28 JUL 1999			
18 JUL 2002			
23 MAI 2003			
05 ABR 2005			

ZGN 145

Departamento de Imprensa Nacional —

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
Biblioteca

Moura, Sergio Cavalcanti da Co
sta

A geopolitica do Brasil

1-A-57

DEVOLVER NOME LEIT. (114/86)

Moura, Sergio Cavalcanti da Costa

A geopolitica do Brasil

1-A-57

(1114/86)

28 JUN 89	CC TITIO
08 MAI 92	CC QUARESMA
20 MAI 92	Renovado
14 MAI 1993	WILLANOVA
01 JUN 1995	CC (FM) PUGES
30 MAR 1996	CC PUGES
17 ABR 1996	RENOVADO
14 MAI 1996	CC SANTOS
30 JUN 1998	CC SILVA
28 JUL 1999	CC FERRAZ
04 ABR 2000	LEE
18 JUL 2002	CC (FM) OLIVEIRA
23 MAI 2003	CC HALGACYR

RETIROU EM

NOME DO LEITOR

05 ABR

2005

Rsoz

CMG JAP
LWZ